

EDITH DERDYK

FORMAS DE PENSAR O DESENHO

DESENVOLVIMENTO DO GRAFISMO INFANTIL



INTRODUÇÃO

Sempre desenhei.

Frequentei o ateliê de Paulina Rabinovich, dos oito aos vinte anos. A passagem por seu ateliê foi fundamental para minha formação artística e profissional. Dos 16 aos vinte anos fui assistente de Paulina, trabalhando com crianças de um ano e meio até pré-adolescentes. No Instituto de Arte e Decoração (IADÊ), cursei o colegial forrado de aulas de desenho. Tive o privilégio de ter professores como Luiz Paulo Baravelli, Carlos Fajardo e José Resende, que abriram as primeiras portas da conceituação da linguagem, somando à minha vivência anterior, baseada na intuição, experimentação e cultivo da sensibilidade.

Depois disso, o caminho de muitos: curso universitário. Frequentei a Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP), onde obtive licenciatura em Artes Plásticas (1980). Conheci professores-artistas e pesquisadores: Mário Ishikawa, Maria Augusta “Guta” Oliveira, Regina Silveira, Julio Plaza, Ubirajara Ribeiro, Donato Chiarella, Evandro Carlos Jardim. No decorrer, frequentei intensamente a Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), onde pude acessar textos sobre desenho escritos por Flávio Motta, Mário de Andrade, Vilanova Artigas e conhecer a produção de Saul Steinberg e Paul Klee, determinantes na construção do meu pensamento sobre desenho.

E após tudo isso? Desenhar, desenhar sem parar: exposições, projetos gráficos, ilustrações, livros infantis. Paralelamente, fui professora de Artes em diversas escolas, ministrei cursos em instituições (FAAP, Museu de Arte Contemporânea – MAC) e es-

paços independentes, aulas particulares para crianças e adultos.

Percebo que toda a fundamentação e alicerce que asseguram a minha relação de paixão com o desenho e com a arte estão diretamente vinculados à vivência inicial no ateliê de Paulina Rabinovich que, por sorte do destino, pude frequentar desde muito cedo. Era um espaço experimental, um lugar para “fazer arte”, coisa rara na época. A memória é vivamente nítida das tardes intensas no ateliê: desenhar, dançar (expressão corporal), pintar o corpo, cantar, confeccionar máscaras, construir objetos com madeira, barro e outros materiais, cenários, teatro. Por lá passaram artistas como Naum Alves de Souza e Luís Antonio Martinez Corrêa que compartilhavam suas experiências. A raiz do gosto de desenhar provém dessa infância “não adormecida”, um dos segredos brilhantes do trabalho realizado intensamente por Paulina. Agradeço imensamente meus pais por terem tido a escuta dos meus desejos.

A nova edição de *Formas de pensar o desenho*, aqui revisada e ampliada, pretende somar e atualizar experiências que brotaram de meu percurso como artista e educadora desde 1988, quando o livro foi inicialmente lançado. Esta edição surge como um convite para pensarmos o desenho de maneira a elevar o arco das potências da linguagem expressiva na infância, esse estado atemporal que nos acompanha a vida inteira, preservando o tom da curiosidade e encantamento pelo mundo.

Durante essas três décadas, da primeira edição de 1988 a 2020, ocorreram transformações estruturais em todos os vetores da sociedade, surgindo inúmeras mobilizações mundiais em defesa dos direitos de ser frente à mercantilização dos valores patrimoniais da vida. Da necropolítica à barbárie, da implantação da comunicação internáutica globalizante – o panóptico controlador dos fluxos do capital abduzindo nossos afetos e desejos aos terrorismos naturalizados pelos Estados: eis um futuro incerto e suspenso que se solidifica diante da fratura de um modo de produção de existências. Mais do que nunca urge a necessidade fundante de inaugurar outras chaves sensíveis que decodifiquem e alavanquem projéteis de imaginários cujas necessidades, alojadas em nossos

corpos, redesenhem percepções mais criativas, modulando subjetividades e paisagens culturais calcadas em desejos de vida frente ao desmonte da educação, arte, cultura e meio ambiente que tem ocorrido como uma avalanche planetária incontrolável.

O cenário da arte contemporânea e, conseqüentemente, a maneira de pensar a educação da arte – ou pela arte ou com a arte –, solicita configurações inéditas, ainda desconhecidas, e que formulem outras perguntas e respostas, abrindo fronteiras entre arte e vida. A necessidade da experiência sensível que a arte consegue ativar torna-se ignição para a produção de conhecimento. Urge refletir sobre como essa rede incessante de informações, em alta velocidade, atua na estrutura conceitual e operacional das instituições educacionais – da pré-escola à universidade – em momentos coletivos de crise estrutural. Cabe provocar distensão e necessária lentidão para dar luz e relevo aos processos naturais e culturais das formas de aquisição de conhecimento, baseados na experiência sensível – nosso campo de cultivo. O desenho, linguagem que atravessa o arco da história e está sempre presente em todas as áreas do conhecimento, é linguagem inata: pertence a todos nós! O desenho é linguagem poderosa para a constituição de subjetividades sensíveis e pensantes.

Tal situação, aqui levemente pincelada, é muito diferente do período em que este livro foi gestado, produzido e lançado em 1988, no mesmo ano em que a Constituição foi fundamentada, inaugurando um frescor para o exercício da cidadania democrática. Na época, ainda não tinha muita clareza a respeito de como todas essas forças atuavam na constituição das novas sensibilidades, saídas de tempos sombrios em que se praticava o silenciamento e o apagamento da prática criativa, tão libertadora. E agora, imersos na atual cena política mundial, compactuando com o luto coletivo de um tempo histórico que se foi, reafirmo, mais do que nunca, minha aposta sobre a necessidade de olhar, com delicadeza e atenção, para a formação dos educadores, nossos heróis não declarados. Será somente a partir de uma construção artesanal da relação entre educador e educando, ponto por ponto, em todos os

níveis e estratos da cultura, que se multiplicará a fundação de uma sociedade humanizadora.

No livro presente atuei como uma arqueóloga, tornando visível a ampliação do livro, isto é, mantendo intacto o miolo original referente às primeiras edições (1988/1999), compreendendo os capítulos “Vivências” e “O desenho das crianças”. No último capítulo, “Breve passeio no tempo”, o corpo do texto também não foi alterado, considerando que na edição de 2010 outros ensaios foram inseridos – o desenho em Leonardo da Vinci, Ingres e Delacroix e a inserção de quatro artistas brasileiros contemporâneos: Regina Silveira, Amilcar de Castro, Artur Barrio e Iberê Camargo. Para esta nova edição, apresentamos um capítulo inédito para reverenciar a linha, quando essa se projeta no espaço, citando quatro artistas: Eva Hesse, Walter De Maria, José Resende e Chiharu Shiota. “Breve passeio no tempo” oferece ao educador uma primeira aproximação à produção artística em diferentes momentos da história, convocando modos distintos de pensar e acessar o desenho, essa linguagem múltipla e transitiva, presente em todas as áreas do conhecimento – arte, ciência e técnica.

Resgatamos as propostas práticas, presentes na primeira edição, e aqui renomeadas sob o título “Proposições e experimentações”, com o intuito de acordar e ativar a compreensão do ato de desenhar vincado na experiência, nos desvencilhando de um vício protocolar das conjugações entre arte e educação quando se trata de formação de educadores.

Para nós, adultos e crianças, artistas e educadores, é vital estarmos disponíveis para experienciar e se apropriar, de forma inteligível, de nossas sensibilidades nascentes do ato de desenhar, essa linha que se estende no tempo e no espaço, por vezes de forma errante. Tanto a arte quanto a educação se nutrem de movências para se reconhecerem como dispositivos estruturantes em direção à constituição de vitalidades expressivas, pensantes e brincantes.

Abrir o leque de possibilidades é o que impulsiona a necessidade de revisitar *Formas de pensar o desenho*, na escuta atenta da vocação transitiva e fluida que o desenho proporciona, tanto como



◀ Edith Derdyk, 11 anos.

linguagem poética quanto instrumento de conhecimento, absorvendo a observação, a memória e a imaginação como modos de estar e ser no mundo. O educador será sempre o guerrilheiro capaz de alterar profundamente as estruturas da sociedade, na medida em que compartilha conhecimentos e sensibilidades que sempre estão por vir, costurando as pontes intermináveis entre os universos infantil e adulto.

Acredito que a conversa entre arte e educação potencializa desejos capazes de reinventar subjetividades, outridades e alteridades, convocando diferenças perceptivas e visões de mundo. O desenho – linguagem tão antiga e tão permanente – vinca o desígnio do desejo de elos (e)ternos entre crianças e adultos, entre artistas e educadores.

EDITH DERDYK

2020 (terceira edição)